



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**Centro de Filosofia e Ciências Humanas**

**Faculdade de Educação**

**Licenciatura em Pedagogia**

**NATASHA MOUTINHO GEADA**

**EDUCAÇÃO AFETIVA: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA  
PRÁTICA PEDAGÓGICA AFETUOSA**

Rio de Janeiro

2021

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**NATASHA MOUTINHO GEADA**

**EDUCAÇÃO AFETIVA: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA PRÁTICA  
PEDAGÓGICA AFETUOSA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dra. Maria Vitória Campos Mamede Maia

Rio de Janeiro

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

NATASHA MOUTINHO GEADA

**EDUCAÇÃO AFETIVA: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA PRÁTICA  
PEDAGÓGICA AFETUOSA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio  
de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à  
obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

**Aprovada em:** 12 de julho de 2021.

**Banca Examinadora**

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup>. Dra. Maria Vitória Campos Mamede Maia

**Professor Convidado:** Prof. Dr. Reuber Gerbassi Scofano

**Professora Convidada:** Prof.<sup>a</sup>. Dra. Silvia Gabrielle Braz Coimbra

**Rio de Janeiro**

**2021**

## AGRADECIMENTOS

A Deus e Jesus, os que me permitiram ter essa vida e junto com meus amigos espirituais, traçaram um caminho para mim rumo à educação repleta de afeto.

Aos meus pais, Ricardo e Andréa, por proporcionarem a mim uma infância, adolescência e agora início da vida adulta, repleta de amor que com certeza me ajudaram a ser quem sou hoje.

Aos meus avós, Francisco e Maria, que também me ofereceram muito amor e carinho durante toda a minha vida.

Ao meu irmão, Lucas, a motivação primária deste trabalho, que sempre me ajuda todos os dias a colocar em prática a educação afetiva.

Aos meus padrinhos, Vinícius e Lúcia, por sempre serem muito gentis e carinhosos comigo e cuidam de mim como sua filha própria.

Aos meus primos, que me permitiram viver afetivamente todas as etapas da minha vida, Pedro, Isabelle e Juliana, sendo esta última a que me motivou a me inscrever na lista de espera do SISU, pela qual eu entrei em Pedagogia na UFRJ, na segunda chamada.

Ao meu namorado, Rafael, que está comigo há sete anos e me deu muita força nos momentos de ausência causados pela grande demanda da graduação. Força essa também repleta de carinho e amor, que me sustentou durante esses cinco anos de formação.

Ao Lar da Prece Bezerra de Menezes, todos os benfeitores espirituais e minha segunda família que me ofereceu uma formação espiritual com os ensinamentos de Jesus, me fazendo enxergar todos os dias o amor que Ele nos ensina até hoje.

À professora, orientadora e amiga Maria Vitória, carinhosamente apelidada de Vicky, que desde o primeiro semestre do curso me acolheu de uma maneira muito afetiva e que segue comigo espalhando essa afetividade de uma forma criativa, lúdica e suficientemente boa, utilizando as palavras do querido Winnicott.

Ao grupo Criar e Brincar, minha gratidão eterna por me acolherem desde o início e por me proporcionarem estudos que eu jamais saberia que iria ter. Todos esses estudos me formaram como Pedagoga e eu sou muito grata a todas e todos esses: Julia, Stella, Edson,

Socorro, Camila, Silvia, Caroline, Nathália, Isabella, Bruna e todos os outros que não consigo colocar os nomes para não estender o texto. Até para aqueles que já não fazem mais parte do grupo, o meu muito obrigada!

Às minhas amigas da graduação, que fizeram desse curso ser mais prazeroso e que estamos juntas desde 2016.1. Agradeço demais à Camila, Ana Carolina, Lidiane, Leila, Isabela, Thainara, Amanda, Melissa, Paula e muitas outras que não cabem aqui.

Ao corpo docente, discente e secretaria do curso de Pedagogia da UFRJ, sempre acolhedores e com vontade de querer espalhar uma educação de qualidade para todos e todas neste país que necessita tanto de uma escolarização melhor e afetiva.

No mais, muito obrigada a todos e todas que de alguma forma contribuíram positivamente para que essa monografia pudesse ser realizada. Obrigada mais uma vez a quem escrevi anteriormente por frutificar em mim um sentimento muito especial: a gratidão.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico às/aos docentes que buscam inserir a afetividade em suas práticas na sala de aula  
todos os dias.

## EPÍGRAFE

Lembrem-se de que vocês [professores] são pastores da alegria, e que a sua responsabilidade primeira é definida por um rosto que lhes faz um pedido: Por favor, me ajude a ser feliz.

**Rubem Alves**

## RESUMO

GEADA, N. M. **Educação afetiva: contribuições para uma prática pedagógica afetuosa.** Monografia (Trabalho de conclusão de curso de Pedagogia) – Faculdade de Educação; Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

A presente monografia busca compreender o que é educação afetiva, bem como elencar as práticas pedagógicas consideradas afetivas de quatro educadores, quais sejam: Johann Pestalozzi (1746-1827), Giovanni Bosco (1815-1888), Maria Montessori (1870-1952) e Ron Clark (1972-). Este trabalho, de cunho qualitativo e do tipo revisão bibliográfica, tem como objetivo demonstrar a possibilidade do impacto da afetividade na relação professor-aluno e suas possíveis contribuições para o processo de aprendizagem de ambos. Além disso, esta pesquisa especificou-se na idade de entrada da criança na escola, que tem como obrigatoriedade, no Brasil, ser de 4 anos. Essa faixa etária é recorrente nos estudos do psicanalista e pediatra D. W. Winnicott (1896-1971) sobre desenvolvimento infantil. Utilizando os conceitos de confiabilidade, segurança e ambiente suficientemente bom (1964, 1965, 1982, 1986, 1999, 2005, 2012) do autor já citado, pretendeu-se aqui relacioná-los com as práticas pedagógicas afetivas dos educadores, de modo a evidenciar a relevância da afetividade na educação.

Palavras-chave: afetividade, desenvolvimento infantil, ensino e aprendizagem.



## ABSTRACT

GEADA, N. M. **Affective education: Contributions to an affectionate pedagogical practice.** Monograph (Pedagogy course conclusion work) – Faculty of Education; Federal University of Rio de Janeiro, 2021.

This monograph seeks to understand what affective education is, as well as listing the pedagogical practices considered affective of four educators, namely: Johann Pestalozzi (1746-1827), Giovanni Bosco (1815-1888), Maria Montessori (1870-1952) and Ron Clark (1972-). This work, of a qualitative nature and bibliographical review type, aims to demonstrate the possibility of the impact of affectivity on the teacher-student relationship and its possible contributions to the learning process of both. In addition, this research was specified in the age of entry of the child into school, which is mandatory, in Brazil, to be 4 years old. This age group is recurrent in the studies of psychoanalyst and pediatrician D. W. Winnicott (1896-1971) on child development. Using the concepts of reliability, safety and a good enough environment (1964, 1965, 1982, 1986, 1999, 2005, 2012) by the aforementioned author, this work is intended to relate them to the affective pedagogical practices of educators, in order to highlight the relevance of affectivity in education.

Keywords: affectivity, child development, teaching and learning.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1:</b> Formato da molécula de água quando a palavra “amor” foi proferida..	21
<b>Figura 2:</b> Formato da molécula de água quando a frase "eu não consigo" foi proferida.....	21

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Material coletado para revisão bibliográfica. ....	16
--	----

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	13
1 O QUE SE ENTENDE POR AFETO?.....	18
2 QUAL A IMPORTÂNCIA DE UTILIZAR A AFETIVIDADE AO LIDAR COM CRIANÇAS DE QUATRO ANOS? .....	25
3 QUAL A IMPORTÂNCIA DE SE TER UM VÍNCULO AFETIVO DENTRO DE UMA SALA DE AULA?.....	30
3.1 Ensino afetivo: o equilíbrio entre limite e permissividade .....	34
4 O ENSINO AFETIVO NA PRÁTICA: O QUE FIZERAM OS EDUCADORES? .....	38
4.1 O ensino de Pestalozzi .....	38
4.2 A pedagogia de Giovanni Bosco.....	40
4.3 A teoria de Maria Montessori .....	42
4.4 Os ensinamentos de Ron Clark .....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	46

## INTRODUÇÃO

Na lei 9.394/96, art. 29, na LDB – Lei de Diretrizes e Bases, a Educação Infantil “tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os 6 anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996) e, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais, “a Educação Infantil, que é a primeira etapa da Educação Básica, é oferecida em creches, e pré-escolas em estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade” (BRASIL, 2010). Mas, mesmo com a educação infantil sendo um direito de todas as crianças, a obrigatoriedade só conta a partir dos 4 anos, de acordo com a Emenda Constitucional nº 59/2009: “educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; (NR)” (BRASIL, 2009).

Quanto mais cedo a criança adentra nos espaços educacionais, muitos estímulos são oferecidos a ela continuamente, podendo a mesma desenvolver um ou mais conhecimentos das mais diversas áreas. O que esta pesquisa pretende estudar é de que forma esses estímulos e/ou conhecimentos podem ser passados para os alunos da melhor forma possível. Há alguns professores que utilizam o autoritarismo para conseguir o respeito das crianças, o que pode gerar alguns problemas de comportamento na mesma e, tal fato, influencia no seu aprendizado, assim como também existem professores que utilizam a permissividade e não impõem limites no aluno. No caso da educação infantil, como impor regras e limites sem ser autoritário? A educação afetiva é justamente uma das formas de se buscar o equilíbrio entre esses dois pontos principais.

É possível ser gentil e firme com a criança num momento em que ela não esteja conseguindo lidar com suas emoções, como num momento de raiva, pois ela pode exteriorizar por meio da agressividade ou fechar-se consigo mesma e, quando isso acontece na escola, cabe aos educadores saber lidar da melhor forma e ajudar a criança a se expressar de forma correta.

Nesta pesquisa, se buscou demonstrar como a educação afetiva pode contribuir com o desenvolvimento moral e intelectual da criança na escola, especialmente no seu primeiro ano na escola, tomando a obrigatoriedade da entrada da criança com 4 anos como referencial. Igualmente foi analisada a prática pedagógica de quatro educadores e autores, Johann Pestalozzi (1746-1827), Giovanni Bosco (1815-1888), Maria Montessori (1870-1952) e Ron Clark (1972-) para que se pudesse compreender a pedagogia afetiva. As práticas desses autores foram repletas de afetividade, construção de vínculo e de um ambiente que propiciasse um bom aprendizado para seus alunos. Acredita-se que, a partir do estudo dos mesmos, se possa contribuir para que futuros educadores ou educadores já em sua prática possam incluir tais pressupostos nas mesmas.

### **Justificativa**

A justificativa desta pesquisa se dá pela importância dada à afetividade no processo de ensino-aprendizagem e, baseando-se em Cunha (2017), Nelsen (2007, 2016) e Nelsen, Lott & Glenn (2017), a mesma é fundamental nas relações entre os alunos e professores. Nesta pesquisa, que foi efetuada para este trabalho de final de curso, trabalhou-se, especificamente, o docente e os estudantes da Educação Infantil, pois acredito que desde a mais tenra idade, a afetividade precisa estar junto com o aprendizado. Esta articulação foi bem demonstrada nas práticas de ensino dos educadores pesquisados, quais sejam, Johann Pestalozzi, Giovanni Bosco, Maria Montessori e Ron Clark. Todos os educadores supracitados utilizaram a afetividade no seu jeito de ensinar aos seus alunos, o que ocorria numa melhor aprendizagem e no desenvolvimento de um indivíduo melhor moralmente. Uma boa relação social se dá por diversos motivos e, dentro da sala, o professor deve passar segurança, confiança e promover um ambiente suficientemente bom para seus alunos. Esses conceitos (1964, 1965, 1982, 1986, 1999, 2005, 2012) foram cunhados nas pesquisas e estudos do pediatra e psicanalista D.W. Winnicott (1896-1971).

### **Motivação**

O que me levou a pesquisar afetividade no meu trabalho de conclusão de curso iniciou antes de entrar no curso de Pedagogia, quando pude perceber que meu irmão, quando era criança, não conseguia realizar seus deveres de casa ao ser, este, a ele imposto de uma forma rude ou agressiva por minha parte. Ele precisava ser conquistado de alguma maneira para que pudesse aprender de uma forma boa, sem achar aquele momento enfadonho. Ao entrar na faculdade, tive o prazer de estudar os conceitos do psicanalista

D. W. Winnicott, no grupo de pesquisa Criar & Brincar: o lúdico no processo de ensino e aprendizagem – LUPEA, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Vitória Campos Mamede Maia, e participar dos cursos de extensão “Criatividade e Educação: um espaço de escuta e reflexão docente” (2016) e “Conversas com Educadores: o brincar como forma de lidar com a não-aprendizagem” (2017), ministrados respectivamente por suas alunas de pós-graduação, atualmente doutoras, Prof.<sup>a</sup> Dra. Camila Vieira e Prof.<sup>a</sup> Dra. Silvia Coimbra. Fui percebendo, que precisava ser criativa e não agir de modo agressivo na hora de estudar com meu irmão. Para além dos meus estudos feitos na faculdade, conheci os métodos de ensino de Giovanni Bosco e Ron Clark por meio do meu padrinho, e os de Johann Pestalozzi e Maria Montessori por uma amiga que é estudante de Pedagogia, e esses autores muito me ajudaram na formação acadêmica. Ao realizar os estágios em duas turmas de Educação Infantil (Pré-Escola 1 em 2018 e maternal 1 em 2019), pude observar, por meio das professoras (não só das turmas que estagiei, mas outras também da mesma escola), a tamanha importância da afetividade e o quanto isso influenciava em seus aprendizados e até como pessoas mesmo. Hoje, no final do curso de Pedagogia, tendo feito, ao longo da mesma, muitos estudos e pesquisas, vejo a importância da construção de uma afetividade entre o professor e o aluno, sendo este um caminho que buscarei trilhar e me constituir enquanto professora afetiva: dar meu carinho e atenção sempre que eu conseguir, pois não sou perfeita, para essas crianças sedentas de aprendizados.

### **Problema**

O que leva a construção de uma relação afetiva entre professor e aluno ser um fator contribuinte para que uma criança, em fase obrigatória de escolarização, tenha um aprendizado suficientemente bom?

### **Objetivo geral**

Demonstrar a possibilidade do impacto da afetividade na relação entre o professor e o aluno, de forma a contribuir no processo de ensino – aprendizagem de ambos.

### **Objetivos específicos**

- Identificar as principais características da afetividade na relação entre professor e aluno;
- Descrever de que forma o professor pode vir a construir essa relação;
- Comparar as diversas formas de possíveis relações entre professor e aluno;

- Contrastar as práticas pedagógicas dos educadores Ron Clark, Johann Pestalozzi, Maria Montessori e Giovanni Bosco na questão da afetividade.

### Metodologia

A metodologia da pesquisa aqui efetuada é de cunho qualitativo do tipo revisão bibliográfica, pois a mesma foi desenvolvida “com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44). Marca-se a mesma como qualitativa pois a finalidade desta pesquisa não é somente descrever as práticas pedagógicas dos autores, mas promover o leitor a querer adotar essa educação afetiva em sala de aula (op.cit). Esta pesquisa se qualifica como exploratória porque ela tem como um dos objetivos a familiarização do problema e aprimoramento de ideias ao delimitar capítulos que explicam sobre o afeto e sua importância, seguido de um levantamento bibliográfico sobre as práticas pedagógicas dos autores estudados neste trabalho acadêmico (ibidem).

Para embasar teoricamente este trabalho, a tabela abaixo elenca a quantidade de material colhido para a revisão bibliográfica. Nas plataformas especificadas, buscamos os trabalhos que continham as seguintes palavras-chave: afetividade, educação infantil, ensino e aprendizagem. Foram encontrados 12 artigos que englobavam essas palavras-chave, mas aqui optamos por utilizar somente três, pois acreditou-se ter mais relevância utilizar os livros utilizados durante a minha formação acadêmica.

Artigos (SciELO, Pepsic)	Monografia (Pantheon/UFRJ)	Dissertação (Plataforma Sucupira/CAPES)	Livros
3	1	1	15

Tabela 1: Material coletado para revisão bibliográfica. Fonte: Dados da pesquisa.

O tema sobre afetividade foi escolhido por já ser um assunto muito pesquisado nos encontros do grupo de pesquisa no qual faço parte, LUPEA, e também pelos trabalhos que realizei na SIAC – Semana de Integração Acadêmica, evento acadêmico que a UFRJ promove todo ano, sendo o primeiro com o título de “Diálogos entre Winnicott, Vygotsky e D. Bosco: criatividade como forma de inclusão” (2017); o segundo intitulado “Possíveis reflexões sobre o estágio e a docência a partir do estudo sobre vínculo no grupo de pesquisa Criar e Brincar” (2018); o terceiro a ser apresentado teve como título “Educação



afetiva na escola: quando o olhar não reprime” (2019), sendo este premiado com menção honrosa e com a submissão de um resumo expandido na Revista do CFCH/UFRJ (2020); e o último, “As expressões corporais como uma linguagem de afeto” (2020/2021). Gil explica que para se estudar um tema não é possível ter somente o interesse, mas sim um estudo prévio, com leituras e estudos aprofundados. (GIL, 2002).

## 1 O QUE SE ENTENDE POR AFETO?

No dicionário Aurélio, destacamos aqui duas definições da palavra *afeto*: “dedicado, afeiçoado”. Então, é possível afirmar que uma pessoa afetuosa é alguém que se dedica e/ou é afeiçoado por alguém ou alguma coisa. Cunha (2017) descreve com clareza a definição do adjetivo supracitado: “O afeto, entretanto, quando resulta da prática do amor, torna-se amorosidade, atitude que se reveste em um estímulo para o aprendizado, dando clareza e entendimento a consciência” (op.cit., p.16). Complementando, o autor também afirma que o afeto “provoca os sentidos humanos da paixão e da realização pessoal, independentemente do caráter material” (ibidem, p.19).

O afeto nos motiva a fazer determinadas ações, sejam elas quais forem. Se buscarmos fazer tudo de forma afetuosa e com boa vontade, tudo coopera e flui, de maneira que quanto mais afeto e bom sentimento produzirmos quando realizamos algo, tudo pode acabar suficientemente bem (WINNICOTT, 1986).

Dantas (1992) descreve, de acordo com a visão psicogenética de Henri Wallon (1934, 1972), na sua teoria da emoção, que “a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento” (LA TAILLE, OLIVEIRA & DANTAS, 1992, p.85). Essa dimensão afetiva já é cultivada no indivíduo desde bebê, pois já nessa fase de vida, o mesmo já consegue sentir emoções. Sendo assim, o indivíduo começa a construir sentimentos que podem ou não perdurar por toda sua vida, cabendo a ele e ao meio que o cerca, de forma moral, buscar cultivar os bons sentimentos.

Continuando com as teorias de Wallon, Almeida (2008) afirma que o psicólogo utiliza o termo *afetividade* para englobar: paixão, sentimento e emoção. A mesma autora, por meio dos seus estudos sobre o autor em relação ao termo afetividade, afirma que:

as emoções, por sua vez, constituem-se em reações instantâneas e efêmeras que se diferenciam em alegria, tristeza, cólera e medo. Já o sentimento e a paixão são manifestações afetivas em que a representação se torna reguladora ou estimuladora da atividade psíquica. Ambos são estados subjetivos mais duradouros e têm sua origem nas relações com o outro, mas ambos não se confundem entre si (ALMEIDA, 2008, p. 347).

É interessante essa diferenciação entre emoção, sentimento e paixão, pois a primeira é algo momentâneo, que pode ser interrompida a qualquer momento ou quando vier outra distração. O sentimento e a paixão são, entretanto, muito difíceis de se esgotarem ou, de repente, sumirem. Ambos são cultivados fortemente dia após dia, sendo

praticamente impossível deixar de sentir algo ou de ser apaixonado por algo ou alguém em um instante. A paixão e o sentimento movem as ações do indivíduo, sejam elas positivas ou negativas.

Quando gostamos de alguém ou de fazer algo, nós valorizamos essa pessoa e ação, buscamos deixar a pessoa contente e também realizar a ação de uma forma prazerosa. Segundo o psicólogo Janet (s/d, *apud* Piaget, 1953, 2014), todas as nossas condutas possuem dois tipos de ação: primária e secundária. A primária somente é um reflexo gerado pela relação entre pessoas ou uma pessoa com um objeto, tudo isso de forma somente cognitiva. Já a ação secundária é totalmente movida de forma afetiva, que nos move a fazer a ação primária, seja de uma forma positiva ou negativa (JANET, s/d, *apud* PIAGET, 1953, 2014). O mesmo psicólogo ainda fala sobre o valor dessa ação, pois ela tem um custo alto ou baixo. Podemos aplicar isso em como queremos nos relacionar com um indivíduo, por exemplo. Se uma pessoa gosta de alguém e busca fazer um bem para ela de uma forma saudável, sem nenhum tipo de interesse por trás, ela move o que for necessário para poder dar uma possível alegria a esse alguém. Mas isso tem um valor, pois se precisa conhecer bem o indivíduo para fazer algo de bom e nem sempre há uma disposição da pessoa que quer agradar para que isso aconteça.

Mas o agir afetuoso não é somente abraços, beijos e carinho, também os pequenos atos contam como um afeto. Para uns, um simples lanche no final de tarde, assistir uma série com alguém que gosta, ou simplesmente admirar o pôr do sol podem ser bem ínfimas ou sem significado, mas, para outros, isso os faz se sentirem tão bem que pode mudar completamente o dia destes. Inclusive as palavras são consideradas como demonstrações de afeto e podem mudar positivamente o dia de uma pessoa que não esteja bem.

A importância de adquirir boas coisas deve ser algo considerado por todos, principalmente ouvir e ler palavras consideradas positivas. Entendemos que nem tudo o que é bom para uma pessoa tem o mesmo significado para a outra, mas este trabalho busca esclarecer que o “bom”, complementando o que já foi trazido por Cunha (2017), é algo **positivo** que provoca os sentidos humanos. Mas infelizmente nem sempre as pessoas conseguem enxergar o positivo em suas vidas e então acabam relatando que só escutam ou assistem notícias ruins, por exemplo. Porém, já dizia um dos homens mais importantes

e conhecidos na nossa sociedade até hoje: *buscai e achareis*. A dissertação<sup>1</sup> de Harell (2000) realizou uma pesquisa com adultos norte-americanos que foram divididos em dois grupos: um assistiu por três horas somente notícias ruins na televisão e o outro assistiu por também três horas, somente notícias positivas. O resultado foi que todas as pessoas do primeiro grupo estavam com altos níveis de ansiedade, enquanto que as pessoas do segundo grupo estavam com o nível bem baixo. Isso implica que se for buscado constantemente notícias agradáveis, a chance de a pessoa ter uma crise de ansiedade se torna muito pequena, ouso dizer que até inexistente.

Ainda sobre buscar coisas boas, dentro de leituras e visualmente, recentemente, uma pesquisa<sup>2</sup> foi realizada por um escritor e doutor em medicina alternativa, Masaru Emoto (1999, 2017), tornando-se posteriormente no livro “As mensagens da água” (1999, 2017). Esta comprovou o impacto das palavras ditas com sentimento por meio das moléculas da água. As palavras ou frases eram direcionadas a um copo de água e posteriormente, as moléculas eram analisadas. As frases com palavras positivas, como “amor” faziam com que as moléculas tivessem um formato muito belo, sendo equivalentes a um floco de neve. Já as frases com sentido negativo, como “eu não consigo”, não permitiam que as moléculas se formassem, ficando um tipo bem deformado. É interessante observar a forma que as palavras afetam, e se considerarmos que o corpo de um ser humano é composto por aproximadamente 60% de água<sup>3</sup>, é bom analisar que palavras o nosso corpo absorve e quais emitimos para os outros.

---

<sup>1</sup> HARELL, Jessica. Affective responses to television newscasts have you heard the news? Dissertação (Doutora em Filosofia) – Faculdade de Psicologia, Western Michigan University. Michigan, p. 125. 2000. Disponível em: <https://scholarworks.wmich.edu/dissertations/1456/> Acesso em: 02 jun 2021

<sup>2</sup> EMOTO, Masaru. As mensagens da água. 4ª edição. Editora Isis. 2017.

<sup>3</sup> MELO, M.A.A. Estado de Hidratação: Conceitos e Métodos de Avaliação. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 40. 2010. Disponível em: <http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/DATA/defesas/20150714170214.pdf>. Acesso em: 02 jun 2021



Figura 1: Formato da molécula de água quando a palavra “amor” foi proferida.  
Fonte: Site oficial Masaru Emoto.



Figura 2: Formato da molécula de água quando a frase "eu não consigo" foi proferida.  
Fonte: Site oficial Masaru Emoto.

As pesquisas e os estudos que demonstram como o afeto positivo nos faz bem, só ressaltam o quanto que precisamos cultivar isso em nossas vidas. A fala da professora Edna, que atua em AEE (Atendimento Educacional Especializado) numa escola municipal no Rio de Janeiro, afirmou, num debate realizado *online* no Festival de Conhecimento, promovido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em julho de 2020, que “se não amar, não vai”. Foi uma frase “solta”, mas com muito significado, pois ela demonstra que se não colocarmos o amor, o afeto em determinadas atitudes, elas não acontecem.

O afeto também nos ensina a respeitar o próximo e julgar menos as atitudes do outro. Quando somos afetuosos com alguém, demonstramos preocupação e, então, nos empenhamos para buscar amenizar o sofrimento ou a dor da maneira que for possível,

pois é difícil ver alguém que amamos sofrer. Assim, quanto mais demonstramos ações afetuosas por alguém, podemos diminuir nossas palavras julgadoras e construir ou reforçar laços positivos com as pessoas, sejam quais forem. De acordo com Almeida (2008):

A importância das relações humanas para o crescimento do homem está escrita na própria história da humanidade. O meio social é uma circunstância necessária para o desenvolvimento do indivíduo. Sem ele, a civilização não existiria, pois foi graças à agregação dos grupos que a humanidade pôde construir os seus valores, os seus papéis, a própria sociedade (ALMEIDA, 2008, p. 348)

Ou seja, precisamos das pessoas para que possamos nos desenvolver. São por meio das relações sociais que aprendemos as virtudes e cultivamos os sentimentos, demonstramos emoções e sentimos paixão.

A empatia faz parte do afeto. Ter empatia é se colocar no lugar do outro, buscar compreender e entender suas dificuldades, limitações e, também, facilidades. Para Marshall Rosenberg (2006), idealizador da Comunicação Não-Violenta (CNV), “a empatia ocorre somente quando conseguimos nos livrar de todas as ideias preconcebidas e julgamentos”. (op. cit., p. 156). Para se construir uma boa relação, a empatia precisa estar presente, pois é fundamental que o egoísmo e o orgulho não sejam os sentimentos dominadores. Quando a pessoa se dispõe a conhecer verdadeiramente o outro, aceitando a pessoa como ela é, tudo funciona de forma mais fácil, a capacidade de perdoar pode aumentar e a vontade de fazer o outro feliz é a prioridade máxima. O autor citado anteriormente ainda acrescenta: “o ingrediente chave da empatia é a presença” (ibidem, p. 158). Ainda que não seja necessário a construção de uma relação, é importante ter empatia com todos, mesmo se só conhece alguém há trinta segundos, pois os pré-julgamentos limitam muito ao se conhecer alguém pela primeira vez. Rosenberg (2006) afirma isso ao dizer que precisamos ouvir de fato as pessoas, não somente oferecendo solidariedade, mas sim, buscando sentir o que o outro passa, como por exemplo, parafraseando o que a pessoa diz, demonstrando, assim, que se importa com o próximo. “A empatia requer que esvaziemos nossa mente e escutemos o outro com a totalidade do nosso ser” (op. cit., 2006, p. 174).

Algo que precisa ser falado dentro do afeto é a capacidade de perdoar. Os autores Santana & Lopes (2012) discorrem sobre algumas possíveis definições sobre o perdão de alguns autores, sendo uma delas “abrir mão de sentimentos, comportamentos e pensamentos negativos” (op. cit., p. 623) assim como “ao perdão bastaria a liberação de

ações, sentimentos e comportamentos negativos ou orientados para a vingança” (ibidem, p. 624). Além disso, é compreender que o outro erra, assim como nós, que somos humanos. Ninguém é melhor do que o outro, somos todos aprendizes da vida e se buscarmos cooperar uns com os outros, de forma afetuosa e positivamente, tudo colabora para o bem. Somos imperfeitos e iremos errar, isso é fato, mas por que devemos julgar o erro do outro se também erramos outras vezes? Quando se sabe acolher o erro do outro de uma forma amigável e afetuosa, a pessoa que errou não sente uma culpa tão grande porque sabe que se contar para uma outra, que pratica a empatia, irá ser acolhida e vai empreender os esforços necessários para não errar daquela forma novamente.

A pessoa que pratica o perdão e a empatia pode aprender desde bem cedo e essas virtudes estão atreladas à moralidade do indivíduo que, para Winnicott, só irá existir quando a capacidade de se preocupar – *concern* - está desenvolvida (DAVIS & WALLBRIDGE, 1982). O ser humano só irá estabelecer “uma firmeza interna ‘humana’ se as condições externas se mantiverem favoráveis” (WINNICOTT, 1958 *apud* DAVIS & WALLBRIDGE, 1982, p. 91). Ou seja, se o cuidado foi presente e de uma maneira suficientemente boa – termo cunhado por Winnicott – o indivíduo terá a capacidade de construir um sentido de preocupação, que perdurará por toda sua vida.

Sabemos que isso ainda é um pouco distante da nossa realidade, com tanta violência acontecendo no mundo, tanto física, verbal, sexual e psicológica. Mas todos têm uma segunda chance. Do erro mais ínfimo até o mais perigoso, cada um irá aprender, mais cedo ou mais tarde, que aquilo foi um erro. Cabe a nós não julgar e, sim, sempre compreender que é aquilo que a pessoa acredita e faz, não podemos tomar decisões por ela, por mais errado que ela faça.

Somos seres humanos movidos pelo afeto. Como vimos anteriormente com Wallon, o que nos move é o sentimento, então sentimos. Para Piaget (1953, 2014, p. 43), a afetividade desempenha “o papel de uma fonte energética, da qual dependeria o funcionamento da inteligência, mas não de suas estruturas”. Podemos até utilizar uma licença poética para adaptar a frase famosa do filósofo René Descartes (1637): *Sinto, logo existo*. Se não sentimos nada, alguma coisa está errada e precisamos pedir ajuda. Deste modo, ser afetuoso nas ações práticas do dia a dia ajuda a pessoa a ser melhor e possui um forte impacto em quem foi ajudado, então, a afetividade deve ser inserida em todos os movimentos que o ser humano fizer. “Quanto mais fielmente você escutar a voz dentro de você, melhor escutará o que está acontecendo do lado de fora” (HAMMARSSKJÖLD,

s/d, *apud* ROSEMBERG, 2006, p. 173), sendo assim, precisamos nos conhecer melhor para deixarmos que nossas virtudes, bons sentimentos e valores sobressaiam para que possamos oferecer o melhor para o próximo.



## **2 QUAL A IMPORTÂNCIA DE UTILIZAR A AFETIVIDADE AO LIDAR COM CRIANÇAS DE QUATRO ANOS?**

Não será possível trazer aqui, nesta pesquisa, como de fato as crianças de quatro anos se comportam, até porque cada criança é um sujeito completamente único, por isso, para se ter uma breve noção, utilizaremos os estudos sobre desenvolvimento infantil dos psicólogos Henri Wallon (1879-1962), Jean Piaget (1896-1980) e os psicanalistas Erik Erikson (1902-1994) e D.W. Winnicott (1896-1971) para que se tenha uma ideia do que se é esperado do comportamento nessa faixa etária.

Todos os seres humanos necessitam de uma relação afetiva em suas vidas e não poderia ser diferente com as crianças. O contato físico sempre foi muito importante e isso tem início no seu nascimento, devido a importância do vínculo que deve existir entre a mãe e o bebê. Para Wallon, o contato humano para o bebê possui muito mais relevância do que o contato com um objeto (LA TAILLE, OLIVEIRA & DANTAS, 1992), ou seja, o interesse já está começando a ser construído, ainda que o bebê não dissocie o eu do não-eu.

Elisama Santos (2019), em seu livro “Educação não violenta”, descreve que “é na infância que alicerçamos a construção da nossa ética pessoal, é nela que desenvolvemos os valores e crenças que podem nos guiar ao longo da vida” (op. cit., p. 26). Com isso, pode-se observar que a infância é o período em que a criança vai aprendendo os valores a serem seguidos e, com a ajuda do responsável e do professor, ela poderá ser um adulto respeitoso por ter sido educado de forma afetiva. “Cada momento da infância é um momento de adição que prossegue de dia para dia” (WALLON, 1968, p. 225), e nesse período de tempo de vida que os conhecimentos surgem e são cultivados, ainda mais com a plasticidade neural, que auxilia na formação de novas conexões entre os neurônios, quanto mais aprendizado se tem.

De acordo com Mooney (2013), para Erik Erikson (1950, 1963), a criança de quatro anos é “energética e pronta para aprender” (op. cit., p. 68, tradução nossa)<sup>4</sup> e “estão mais propensas a ouvir a aprender dos professores, pais e outras crianças. Nesse estágio,

---

<sup>4</sup> “energetic and ready to learn”

as crianças estão crescendo de uma forma que ficam mais focadas e menos desafiadoras”<sup>5</sup> (ibidem, p.68, tradução nossa). Por isso, é necessário que a criança cresça de uma maneira em que ela use essa energia para potencializar os seus conhecimentos e seu desenvolvimento, sem precisar pular etapas ou estagnar e com isso, a ajuda do adulto é sempre relevante.

Winnicott (1964, 1982, p.62) afirma que “é essencial encarar a criança como um ser humano que começa com todos os sentimentos intensos dos seres humanos, embora sua relação com o mundo esteja apenas principiando”. Com isso, podemos dizer que a criança já tem a sua personalidade, portanto, deve ser tratada com respeito, principalmente utilizando “atos de confiabilidade humana”, (WINNICOTT op. cit., p.115) isto é, antes mesmo de utilizar o diálogo, a criança já entende pelos olhares e alguns pequenos gestos dos adultos para entender o que pode e o que não se pode fazer.

Além disso, as colocações de Dewey (1899, 1915, 1938) esclarecidas por Mooney (2013) são muito importantes no que concerne ao conhecimento da criança. Ela vai adaptando os seus conhecimentos a partir do que aprende e é de suma importância que ela seja reconhecida. Quantas vezes os adultos já proferiram essa frase “até parece que é gente” quando se referiam a uma criança fazendo uma ação que não é esperada, independente da faixa etária dela? Dessa forma, é preciso sempre considerar o que a criança traz em sua fala ou em gestos, pois até mesmo o não dito, como as expressões corporais, o desenho e a brincadeira, dizem muito do comportamento infantil.

Ao acolher o conhecimento da criança, a autora citada no parágrafo acima explica o pensamento de Piaget (1973), pois ele ressalta que é mais fácil ajudá-la a entender alguma coisa quando ela pensa do seu jeito, do que nós, adultos, darmos uma explicação do que sabemos (MOONEY, 2013). Valorizar e estimular o pensamento da criança é importante para que ela cresça e possa, inclusive, desenvolver autoconfiança. Não iremos deixar que ela pense coisas que se desvie de um padrão ético, iremos direcioná-las para esse fim, mas é preciso ter cautela de modo que não a confundamos na questão da diferença entre ético e não-ético. Ao deixar que ela construa suas experiências, no tempo certo, a mesma irá aprender.

---

<sup>5</sup> “They are more willing to listen and learn from teachers, parentes, and other children. At this stage children are growing in ways that make them much more actively focused and less defiant”

A afetividade só ocorre, também, quando a criança está inserida num ambiente em que ela se sinta acolhida e que permite o seu amadurecimento pois, como Winnicott (1965, 2005) afirma, “sem uma confiabilidade ambiental mínima, o crescimento pessoal da criança não pode se desenrolar ou desenrola-se com distorções” (WINNICOTT, op. cit., p. 45). Ou seja, se a criança não possui um ambiente propício para que a mesma deposite uma confiança, ela não irá conseguir se desenvolver propriamente, causando diversas dificuldades ao longo de sua vida. É num ambiente acolhedor que também encontraremos a afetividade.

Ao estabelecermos essa relação afetiva com a criança, estaremos proporcionando a ela uma “estabilidade que não é rígida, mas viva e humana” (WINNICOTT, 1965, 2005, p.45), sendo assim, um vínculo que permite que haja o estabelecimento de regras, mas sempre tudo pensado e voltado para às necessidades da criança e não do adulto. A criança está sempre em desenvolvimento, assim como os adultos que precisam se adaptar a diferentes mudanças. Por que então exigir tanto de uma criança que tenha sempre que alcançar um determinado comportamento se muitas vezes os adultos mais experientes sofrem por serem excessivamente cobrados?

Winnicott (1964, 1982) ainda diz que:

A conquista da maturidade apropriada à idade entre três e cinco anos é realçada primeiro porque as crianças sadias estão permanentemente elaborando e acumulando essa maturidade tão vital para todo o desenvolvimento futuro do indivíduo. Ao mesmo tempo, a maturidade das crianças de menos de cinco anos é normalmente compatível com todo o tipo e grau de imaturidade. As imaturidades são os resíduos daqueles estados sadios de dependência que caracterizam as fases iniciais do crescimento (WINNICOTT, 1964, 1982, p. 89).

Ou seja, as birras e os impulsos são comportamentos normais e esperados nessa faixa etária de 4 anos, uma vez que as crianças estão aprendendo a como se comportar neste mundo tão cheio de regras e posturas. Desse modo, é fundamental ensiná-las de forma respeitosa, sem constrangê-las, porque a criança quer sempre ajudar e se sentir útil (LACERDA, 2020). Quando ensinamos a ela o que se deve fazer, isso a faz se sentir bem consigo mesma e, por incrível que pareça, ajudará demais no seu processo de formação como sujeito.

Uma das formas que propiciam um desenvolvimento suficientemente bom para a criança é a existência, por parte daquele responsável por ela, de *holding* (WINNICOTT, 1986, 1999), ou seja, quando o adulto sabe acolher a criança num momento de dificuldade ou então quando simplesmente transmite carinho e amor. Isso auxilia muito no desenvolvimento da criança. É fundamental que, desde pequena, ela saiba que é amada e cuidada, isso a ajuda na construção da confiança nos outros e em si. Para Cunha (2017, p.17), é importante que as crianças conquistem “as aptidões emocionais que os capacitarão para lidar com fracassos, falhar, decepções e até com o próprio sucesso”.

Quando um adulto utiliza a paciência e a dedicação juntas, Winnicott (1965, 1982, p.63) descreve que é “maravilhoso o que uma criança pode conseguir no fim”. Se uma pessoa se mantém paciente e dedicada num momento em que a criança está passando por alguma dificuldade, ela consegue contornar o problema de uma maneira tranquila, sem causar nenhum trauma que não se consiga lidar com ele, o que Winnicott também denomina de ciclo benigno. Porém, há igualmente o ciclo maligno, em que a pessoa está bem – ciclo benigno – e acontece alguma coisa que a faz sair do seu estado de equilíbrio mesmo que instável. Emerge, então, o ciclo maligno, mas, com o tempo e com ajuda ou não, a criança, tendo um ambiente que a suporte em seus testes de confiabilidade, esta consegue retornar para o ciclo benigno de alguma forma (WINNICOTT, 1986 *apud* MAIA, 2005).

“A criança precisa de amor, mas queremos significar com isso que só alguém que ame a criança pode fazer a necessária adaptação à necessidade” (WINNICOTT, 1964, 1982, p.90). Winnicott (op.cit.) foi bem claro ao dizer que, sem a construção de vínculo, não é possível adaptar a criança à realidade alguma. Somente com o vínculo entre professor e aluno será viável a aprendizagem de fato. Não é somente explicar o conteúdo e ainda mais com crianças que estão no início da escolarização, é que se deve ter mais cautela ao explicar. Construir uma boa relação é fundamental para que a criança consiga aprender qualquer coisa. Para Wallon (1968), que também concorda com Winnicott neste sentido, afirma que a criança necessita agradar aos outros para ser agradada, pois ela precisa de alguém que demonstre o carinho que tanto merece, pois só assim a criança consegue se desenvolver.

Quando a afetividade se faz presente na relação entre um adulto e uma criança, além de ser propiciado um ambiente para que isso aconteça, será capaz de ser estabelecida uma “segurança de um cuidado suficientemente bom” (WINNICOTT, 1965, 2005, p.46),

um fator essencial no processo de desenvolvimento infantil. A partir dessa segurança, descrita por Winnicott (op.cit., p. 47) como “um relacionamento vivo entre duas pessoas que abre espaço ao crescimento”, é possível a construção de vínculo que, se possível, poderá perdurar para sempre, caso a criança esteja com todos esses conceitos mencionados anteriormente, consolidados dentro de si.

### **3 QUAL A IMPORTÂNCIA DE SE TER UM VÍNCULO AFETIVO DENTRO DE UMA SALA DE AULA?**

Para iniciar este capítulo, será preciso destacar o que é necessário para que haja uma afetividade dentro de sala: Um professor que se importa com os alunos, um ambiente acolhedor e propiciador para os estudantes e a construção de vínculo entre os que convivem em sala. Neste primeiro ponto destacado é de suma importância que o professor deve, além de ensinar as disciplinas exigidas no ano escolar, buscar se importar com seus alunos e vê-los como seres humanos, não como robôs que só precisam receber somente o conteúdo escolar. “Se não forem ensinadas habilidades socioemocionais às crianças, elas terão dificuldade para aprender e os problemas de disciplina aumentarão” (NELSEN, LOTT & GLENN, 2017, p.1). O professor não recebe um aluno “pronto”, bem-comportado: é na escola em que a criança vai aprender a respeitar os outros e pode sim, alterar suas habilidades, de forma positiva ou não. Cunha (2017, p.67) afirma que “alunos dispersos, desinteressados, desmotivados, abatidos, irrequietos, agressivos sempre os teremos, então, é melhor amá-los”. Logo, devemos sempre ser afetuosos com os alunos e fazer com que eles reconheçam isso, desde a primeira vez que pisam na escola.

A primeira vez da criança na escola é um momento delicado tanto para ela quanto para seu responsável, pois podem estar tão interligados que a separação pode tornar-se difícil (WINNICOTT, 1965, 2005). Assim, como fazer com que ela confie nesse ambiente totalmente novo com pessoas que ela nunca viu? Para isso, o professor deve lidar de forma cautelosa com essa relação, buscando mostrar que a escola pode ser também um ambiente que transmite confiabilidade, sem romper nenhum laço com a família da criança. Além disso, o próprio docente precisa demonstrar a ela a segurança tão necessária e que, se for bem oferecida, propiciará um excelente desenvolvimento do estudante recém-chegado. Cunha (2017) nos diz algo muito peculiar sobre o papel do professor:

É possível levar o aprendente a construir bons sentimentos. Ajudar o educando a ser feliz não significa livrá-lo de todos os percalços - que, às vezes, transcendem a abrangência de controle da escola -, mas conduzi-lo durante o caminho com a certeza de que ele será capaz de superá-los” (CUNHA, 2017, p. 70)

Cabe ao professor auxiliar o aluno a se comportar dentro de sala, mas não ensinar de uma forma autoritária, seja impondo seu corpo a ficar sentado na carteira por muito tempo ou limitando seu potencial criativo. Para isso, o educador precisa entender cada

aluno, seus gostos e interesses e partir para as disciplinas envolvendo os dois mundos. Dessa forma, os estudantes irão conseguir participar mais das aulas e o próprio professor pode se sentir mais satisfeito e suas aulas terão momentos prazerosos. Winnicott (1986, 1999) afirma isso ao dizer que os professores ensinam a partir do que a criança já tem de conhecimento que são suas experiências e saberes.

Dentro desse aspecto, é importante aqui salientar os limites que o professor deve dar aos alunos. Ao permitir que sejam como são, o professor precisa auxiliá-los não provocando medo e de forma autoritária, pois assim ninguém aprende direito. O professor já está na “condição de autoridade, não se deve abusar desse poder” (LACERDA, 2020). O que é possível para o professor fazer é ajudar o aluno no que estiver ao seu alcance, guiá-lo, entender seus sentimentos e fazer com que ele aja de maneira que contribuirá para o bem dele. É preciso acreditar de fato que “a criança tem potencial e que a mesma é bem-intencionada, então, devemos sempre motivá-la a fazer as coisas certas, não porque somente é correto, mas que elas se sintam importantes por ajudarem” (op. cit.). Quando reiteradamente se aponta o erro da criança, ela vai se sentindo insegura e acaba cultivando dentro de si esse sentimento, não sendo capaz de acreditar nela mesma e, como um efeito dominó, prejudicará em muitos outros aspectos de sua vida.

O professor vai passar por diversas situações difíceis com seus alunos, de muitas maneiras, por isso é importante que ele saiba lidar com os impulsos negativos dos mesmos, considerado para Winnicott (1964, 1982, p. 63) como uma “luta de vaivém entre a realidade externa e interna, e essa luta deve ser considerada normal”. Os impulsos que surgem da raiva ou negação irão acontecer, logo, o professor deve acolher os alunos de forma gentil, buscando ajudá-los a lidar com seus sentimentos da forma que lhe for possível. Por vezes, esses impulsos são testes que a criança faz para saber o limite do professor, então é importante que o docente se conheça e também peça ajuda, se necessário, para lidar corretamente com a situação.

Com isso, adentraremos ao segundo aspecto importante, a criação de um ambiente suficientemente bom para o aprendizado. Como foi falado anteriormente, a criança só se desenvolve moralmente se houver um ambiente facilitador para tal e não poderia ser diferente no âmbito do desenvolvimento intelectual. Para Winnicott (1986, 1999), o aprendizado só irá acontecer quando existe um “ambiente facilitador [que] requer uma qualidade humana, e não uma perfeição mecânica” (op. cit., p. 113), de modo que um professor suficientemente bom já atende as expectativas do que esse ambiente propõe.

A sala de aula, segundo Novaski (1986, p. 11), é um ambiente em que ocorre um “momento privilegiado em que se processam o ensino e a aprendizagem, confronto de ideias entre professor e alunos, entre alunos e alunos [...]”. Ou seja, é um espaço criado para justamente ocorrer essa troca de ideias entre os indivíduos que se fazem presente, que só serão capazes de produzirem conhecimentos e promoverem a aprendizagem se houver um ambiente revestido com “humanidade, com laços de compreensão e entendimento” (CUNHA, 2017, p. 85).

Entretanto, é vital que haja uma troca de ideias verdadeiramente, sem imposições e julgamentos, que só irá acontecer se o professor oferecer um ambiente de segurança, palavra esta detentora de enorme significado quando falamos da relação professor-aluno. O professor deve passar essa sensação de que as crianças tenham a “crença em algo que não seja apenas bom, mas seja também confiável e durável, ou capaz de recuperar-se depois de se ter machucado ou mesmo parecido.” (WINNICOTT, 1965, 2005, p. 44). A partir do momento que a criança percebe seu professor continuando a tratá-la bem depois de algum comportamento não esperado, ela não precisa testar mais pois adquiriu a confiança necessária e consegue ser verdadeira com ele.

De igual forma acontece no ambiente: o professor deve abrir espaço para que os alunos coloquem suas necessidades, sejam de forma anônimas ou não, de maneira que, juntos, consigam criar um ambiente suficientemente bom e de agrado para todos os que ali convivem por pelo menos cinco horas, cinco dias por semana. Como afirma Novaski (1986, p. 14), “educar é estar com o outro”. O aluno, “ao sentir-se livre no ambiente da sala, [...] começa a fazer descobertas e a exercer a sua individualidade como sujeito do aprendizado” (CUNHA, 2017, p. 83). É extremamente importante que o professor dê essa liberdade de expressão aos seus alunos. Ainda mais numa turma com crianças de 4 anos, sedentas de aprendizado como foi observado no capítulo anterior.

Por último, a construção de vínculo deve existir ao longo do tempo passado entre o professor e o aluno, que será potencializado quando o docente ouve seu discente e vice-versa, depois de instaurado em sala de aula, o ambiente suficientemente bom.

Winnicott (1964, 1982) descreve bem como um professor deve se colocar com seus alunos de forma a mostrar a importância da criação de vínculo:

A professora assume o papel de uma amiga calorosa e simpática, que será não só o principal esteio da vida da criança fora de casa, mas também uma pessoa resoluta e coerente em seu comportamento para com ela, discernindo suas



alegrias e mágoas pessoais, tolerante com suas incoerências e apta a ajudá-la no momento de necessidades especiais. (WINNICOTT, 1964, 1982, p. 221)

Nelsen, Lott e Glenn (2017, p. 67) dizem que “uma atmosfera que valoriza a importância começa quando o professor orienta seus alunos a tratarem uns aos outros com respeito, de maneira a demonstrar que um se importa com o outro”. Um dos pontos principais do vínculo é o respeito, sentimento relevante que deve existir num relacionamento entre qualquer indivíduo e na sala de aula ele deve ser cultivado a todo instante.

Algo que também demonstra respeito é ouvir o outro. O professor deve dar o pontapé inicial, ouvindo seus alunos e dando o exemplo a ser seguido. “Se ele [professor] ouve apenas a si mesmo, faz perder sua própria escuta diante daquele que seria o seu mais próximo interlocutor: o aluno” (TERZI, MARTINS & PIMENTEL, 2018, p. 22). Se as crianças são ouvidas sem julgamentos ou interrupções e percebem que há um interesse na parte do professor, elas conseguem contar muitas coisas e assim, contribui para que a confiança aumente cada vez mais no relacionamento entre ambos (NELSEN, LOTT & GLENN, 2017).

“A percepção das crianças de que seus professores se importam com elas é o ingrediente primário para desenvolver o seu senso de conexão” (NELSEN, LOTT & GLENN, 2017, p.65). Com esta frase, já podemos perceber que a palavra conexão está no mesmo sentido de vínculo, como foi visto anteriormente. Estar conectado com outra pessoa é fundamental para a real troca de experiências e é de suma importância que haja essa conexão entre alunos e professores, não só para que os alunos aprendam mais a matéria, mas que sejam bons em se relacionar uns com os outros e aprenderem a se respeitar. “Não podemos imaginar o sabor do **saber** sem a riqueza da aproximação do olhar, da escuta e da sedução cognitiva em contínua e significativa interligação” (TERZI, MARTINS & PIMENTEL, 2018, p.53, grifo deles).

É necessário partir do professor a estimular seus alunos para terem curiosidade pelo aprender. Além dessa idade ser propícia, com o surgimento dos porquês, é algo a se considerar pelo docente ao utilizar essa curiosidade e transformar num conhecimento, pois trazer o aprendizado de uma forma mais adequada e a partir do interesse deles, a absorção fica muito mais fácil.

Apesar disso tudo, não existe e nunca existirá um manual de “como ser um(a) professor(a)”. Existem dias bons e dias ruins, algumas vezes aquele aluno que nunca deu trabalho começa a se tornar “impossível” e isso está tudo bem porque a perfeição não existe. O professor deve estar em constante formação para sempre oferecer o melhor para si e para seus alunos, sem uma cobrança excessiva. A importância de não se cobrar tanto, implica num bom desempenho do próprio professor, pois terá mais disposição e fará um trabalho de qualidade, além de ter uma relação afetiva positiva verdadeira com os alunos. Cada professor tem o seu jeito de dar aula e o que tem que estar em mente é utilizar bons recursos para facilitar o aprendizado do aluno e também estimular da melhor forma as habilidades emocionais dos mesmos, sem causar uma exaustão, mas sim, algo prazeroso entre ambos os sujeitos que convivem dentro da sala de aula.

### **3.1 Ensino afetivo: o equilíbrio entre limite e permissividade**

Educar uma criança nunca foi fácil, mas educá-la com respeito e afetividade, é algo que deve estar na pauta de todo educador. Antigamente, era muito fácil colocar a criança de castigo, usar da agressividade para com ela, achando que isso ia fazer com que ela aprendesse (BOUCH, 2000). Se a pessoa quisesse que ela aprendesse a ter medo, de fato ensinou muito bem. Mas se era para ensinar um bom comportamento, acabou utilizando um método bem complicado, que certamente a afetividade passa longe.

No início do século XX, objetos como palmatória, milho e atitudes agressivas de puxões de orelha, gritaria, eram recorrentes nas escolas aqui no Brasil (DEL PRIORE, 1991), além de utilizá-las como uma forma de humilhar a criança, mostrando o quanto ela estava errada. Além disso, a rigidez era algo muito recorrente nas salas de aula. As crianças não podiam se virar para conversar, os uniformes eram apertados e as cadeiras, as mais desconfortáveis possíveis (op. cit).

Felizmente, os anos se passaram e os primeiros objetos citados já não fazem mais parte das escolas brasileiras. Por outro lado, a permissividade ganha forças hoje em dia. Crianças sem limites, que não conseguem compreender as regras, agem com agressividade e são taxadas de “impossíveis” (LACERDA, 2020). Desse modo, a melhor saída para lidar com as crianças é utilizando o afeto, pois só assim elas vão compreender a maneira correta de como agir.

Mas no que consiste o ensino afetivo? Primeiramente, ele requer paciência e uma postura humilde por parte do professor, de que nem sempre vai sair tudo do jeito que ele esperava. Por isso, é importante que o docente conheça as suas crianças e saiba com quem está lidando, de modo a oferecer a elas um ensino suficientemente bom.

Conhecendo suas crianças, que deve ser feito de modo verdadeiro, com o intuito genuíno de querer construir um vínculo com elas, é que vai se saber do que elas gostam e não gostam, como se comportam em determinadas situações e diversos outros fatores que não podem ser descritos aqui porque cada criança é única e tem sua especificidade.

A partir do momento em que a criança demonstra um sentimento x, cabe ao professor acolhê-la e não a rechaçar, pois ela precisa entender que cada sentimento é válido e isso só irá acontecer se o docente souber dosar o limite e a permissividade. Podemos caracterizar o limite como sendo uma privação da liberdade do indivíduo, que não necessariamente significa que é algo bom ou ruim, é completamente neutro, vai depender sempre da situação para ocorrer esse julgamento. Já a permissividade é algo que não possui essa privação, a pessoa se sente livre para fazer o que bem quiser, sem precisar seguir determinada regra. É por isso que deve haver um equilíbrio. Se tiver limite demais, o indivíduo é constantemente tolhido e se tiver permissividade demais, o indivíduo não consegue pensar nas consequências dos atos pois não sabe das regras.

Winnicott (1960 *apud* DAVIS & WALLBRIDGE, 1982, p. 164) afirma que “as crianças saudáveis efetivamente precisam que os adultos continuem no comando [...]”, ou seja, as crianças precisam de regras, de alguém lhes informando sobre o que fazer e o que não fazer, para que elas possam ter um limite. Nesse sentido, o limite é algo positivo, pois ajuda na construção do caráter das crianças, em torná-las seres humanos saudáveis. Mas se as crianças forem muito limitadas, vão acabar desenvolvendo um comportamento antissocial, pois não elas não possuem a segurança e a confiança necessária que deveriam ter recebido de algum adulto. Por isso, “a existência de boas condições nas fases iniciais leva a um senso de segurança e o senso de segurança leva ao autocontrole [...]” (*op. cit.*, p. 165).

Não havendo regras ou limites, a criança não saberá julgar o que é certo ou errado, ficando à mercê de si mesma e incapaz de construir um caráter. Podemos dizer que a permissividade se assemelha ao sentido denotativo dos termos tão conhecidos durante os séculos XVII e XVIII na França: “*laissez faire, laissez aller, laissez passer*”, que

significa, literalmente, "deixai fazer, deixai ir, deixai passar". Ou seja, uma liberdade incondicional, em que tudo vale e não há distinção de nada. Imaginemos que nós vivêssemos em um mundo em que não existissem esses limites? Tudo seria uma grande confusão. Essa confusão também pode se instaurar na criança, uma vez que ela está aprendendo a se constituir como um sujeito. Cabe aos adultos então dar um direcionamento correto para ela.

Os autores que movimentaram a Disciplina Positiva afirmam que “as crianças que se comportam mal são crianças que estão desencorajadas” (NELSEN, LOTT & GLENN, 2017, p. 17) e se relacionarmos com os conceitos de Winnicott (1964, 1965, 1982, 1986, 2005), podemos afirmar que esse desencorajamento advém da falta de um ambiente suficientemente bom. Em função disso, faz-se mais ainda necessário que o professor conheça seus alunos e os autores já citados nos auxiliam com uma correlação para melhor compreender essa questão: Podemos comparar uma criança com um iceberg. Quando uma criança exterioriza com movimentos corporais, seja chorar, bater ou gritar, isso somente é a ponta do iceberg e é preciso saber o que desencadeou aquele processo, ou seja, conhecer todo o iceberg (NELSEN, LOTT & GLENN, 2017).

Um ponto que necessita ser destacado aqui, o qual está bem distante de uma educação afetiva, é a recompensa ou punição pelo comportamento. Nelsen, Lott e Glenn (2017, p. 18) descrevem perfeitamente o prejuízo dessa atitude: "Crianças que gostam de recompensas rapidamente dependem delas para se sentirem motivadas e não querer ser membros úteis da sociedade por uma satisfação interna - para se sentir bem ao fazer o que é certo, mesmo quando ninguém está olhando". A punição só faz com que a criança se desencoraje ainda mais, não acreditando no seu potencial e também pode acarretar em comportamentos de rebeldia. Nelsen (2007, 2016, p. 19) afirma que: “O problema da rigidez é que a punição consegue eliminar o mau comportamento imediatamente, mas em breve este recomeça de novo e de novo”. Não adianta somente brigar, colocar a criança de castigo ou pior ainda, agredi-la. É necessário explicar para a criança as consequências de suas próprias escolhas e fazê-la compreender a atitude que tomou.

Nelsen (2007, 2016) nos traz uma questão muito interessante para pensarmos: o resultado a longo prazo. Como vimos anteriormente, a punição acaba com o mau comportamento naquela hora. Mas e depois? Será que a criança realmente vai pensar no que fez e não vai mais agir daquela forma? É necessário tomar muito cuidado e até retificando o que foi falado no início deste capítulo, educar uma criança não é fácil, por

isso que a paciência sempre deve estar presente. Uma boa reflexão que a autora faz, uma de suas frases mais conhecidas no ramo da Disciplina Positiva é: “De onde nós tiramos a ideia absurda de que, para levar uma criança a agir melhor, antes precisamos fazê-la sentir pior?” (op. cit, p. 20).

É necessário educar a criança a lidar com seus sentimentos, para que ela seja feliz não como uma “ausência de tristezas, mas o feliz de quem sabe acolher as próprias angústias e decepções e ter resiliência suficiente para recomeçar depois das quedas” (SANTOS, 2019, p. 17). Ainda que a criança não entenda o conceito das palavras “angústia”, “decepção” e “resiliência”, ela não é incapaz de senti-las, portanto, mais do que ensinar o sentido denotativo da palavra, faz-se necessário que ela compreenda como agir quando sente tal ou qual emoção e/ou sentimento.

O docente precisa saber com que tipo de crianças está lidando, como eles são de verdade e isso só irá acontecer se o mesmo permitir que haja um ambiente suficientemente bom, que promova segurança e confiança para que os alunos se sintam bem. Por isso, é fundamental conhecer algumas teorias sobre desenvolvimento infantil, não como um manual de instruções, mas pelo menos ter alguma noção sobre o que a criança está passando. Além disso, também reiteramos a importância de se ter um conhecimento prévio acerca de práticas afetivas que deram certo, mostrando que não é algo impossível de se realizar.

## 4 O ENSINO AFETIVO NA PRÁTICA: O QUE FIZERAM OS EDUCADORES?

Neste capítulo serão abordadas as práticas afetivas dos educadores Pestalozzi, Montessori, Bosco e Clark, respectivamente. Será relatado brevemente suas biografias e posteriormente suas práticas pedagógicas que tiveram a afetividade como um fator contribuinte para a aprendizagem de seus alunos.

### 4.1 O ensino de Pestalozzi

O pedagogo Johann Henrich Pestalozzi (1746-1827) nasceu e viveu na Suíça. Vivia numa região povoada por camponeses, onde as crianças não eram incentivadas a estudar e sim a trabalharem. Começou a ter o interesse pela relação afetiva na sala de aula com seu professor de Direito, pois o mesmo buscava sempre construir uma relação amigável com seus alunos, deixando de lado aquela rigidez muito presente nas escolas do século XVIII.

Pestalozzi baseia suas ideias no filósofo Jean-Jacques Rousseau que, por meio do livro “Emílio ou da Educação”, utilizava os conceitos do mesmo para educar seu próprio filho, Hans Jakob. De acordo com Zanatta (2005, p. 168), “ao colocar em prática as ideias de Rousseau, Pestalozzi (1946, p.13) defendeu uma educação não-repressiva e dedicou ampla atenção ao ensino como meio de desenvolvimento das capacidades humanas, como cultivo do sentimento, da mente e do caráter”.

Anos mais tarde, Pestalozzi fundou uma “escola”<sup>6</sup>, no ano de 1774, reunindo crianças pobres que mendigavam nas ruas, roubavam, trazendo-as para sua casa, dando carinho, conforto e educação. Ele e sua esposa, Anna Schulthess, ensinavam “a se expressarem corretamente, a escreverem, e a terem noção de matemática, de ciências, prática agrícola e evangelização” (ALVES, 2014, p. 108). Mas foram surgindo muitos problemas desde que sua esposa faleceu e, só muito tempo depois, Pestalozzi conseguiu fundar uma instituição escolar no castelo de Yverdon, na Suíça, na qual buscava criar um ambiente em que não houvesse regras, proibições ou castigos físicos e, sim, um lugar de cooperação entre os alunos e professores. Assim, surgiu o Método Indutivo, que Alves

---

<sup>6</sup> Utilizo a palavra escola entre aspas porque não era uma instituição formal, com estrutura própria para isso, pois as aulas eram realizadas dentro de sua residência.

(2014) o explica como sendo aquele que consiste em um ensino mais voltado para a realidade da criança, de modo que a aprendizagem seja mais concreta.

Essa concretização, para Pestalozzi, era fundamental para o entendimento da criança sobre determinado assunto, por isso que a natureza era seu maior laboratório de ensino, porque acreditava que era o melhor ambiente para demonstrar à criança os objetos que ela estava estudando: “Assim, em contato com a Natureza, a criança conclui naturalmente que a planta depende da terra, da água e da luz do Sol, e que a manutenção da vida depende de um fornecimento constante de energia” (ALVES, 2014, p. 244).

Interessante destacar uma abordagem característica do pedagogo suíço que o professor não deveria fazer as perguntas para os alunos e sim, que as questões partam do interesse deles, de modo que não fique limitado. Por isso que o método intuitivo consiste em: “levar o aluno a aprender a pensar, raciocinar, buscar suas respostas, trabalhar com sua própria mente, desenvolvendo os recursos mentais num trabalho de verdadeira construção mental” (ALVES, 2014, p. 245).

Este método é dividido em três etapas: sensorial, intelectual e afetivo-moral. O primeiro é a estimulação ao toque da criança em determinado objeto com o objetivo de despertar a curiosidade; o segundo é promover a inteligência da criança, fazendo-a raciocinar e refletir a partir do que observou enquanto tocava; o último, é algo mais profundo, que busca conectar a criança com o planeta Terra, desenvolvendo respeito e compreendendo as diversas ligações da natureza com o ser humano. Mas essas etapas não são uma crescente, vão se formando ao mesmo tempo, cada uma com intensidade diferente, pois depende de cada criança.

Quando a criança “observa, toca, examina um objeto ou fenômeno, ela pensa, raciocina, descobrindo seus mecanismos pela sua própria reflexão, compreendendo a importância de cada coisa, desenvolvendo, dessa forma, seu senso moral” (ALVES, 2014, p. 247).

Concluindo, para Pestalozzi, o ensino acontece de forma simultânea e, mais importante do que aprender os conteúdos disciplinares, é necessário que a criança saiba desenvolver bons sentimentos.

## 4.2 A pedagogia de Giovanni Bosco

A educação que o italiano Giovanni Bosco propunha também não era diferente da de Pestalozzi. Tudo começou com um sonho, em que Bosco relata em seu livro “Memórias do Oratório” (1982, 2014, n.p.) quando viu uma pessoa dizendo: "Não com pancadas, mas com a mansidão e com a caridade é que deverás conquistar estes teus amigos.", na hora em que via alguns meninos brigando e para separá-los começou a bater neles. Logo após, essa pessoa que apareceu para ele chamou sua mãe e ela lhe mostrou que os jovens se tornaram cães, gatos, ursos e outros animais e então pediu para trabalhar com eles, sendo humilde, forte e robusto. Quando se virou novamente para as criaturas, haviam se transformado em mansos cordeiros, que estavam festejando junto àquela pessoa e sua mãe.

A partir desse momento, Bosco começou a entender que precisava ter paciência e compreender a situação que algumas crianças estavam passando, e começou a pensar como poderia ajudá-las. Aprendeu a fazer mágica, malabarismos e jogar cartas, para convidar algumas crianças de sua cidade, de maneira que elas não cultivassem mais a violência. Importante destacar que nenhuma frequentava a escola.

Mais tarde, Bosco adentrou numa escola. E apesar de ter sua permanência na instituição sempre dificultada pelo seu irmão mais velho, sempre gostou muito de ajudar seus colegas para estudar. Ele teve a ideia de iniciar um projeto chamado Sociedade da Alegria:

Era obrigação estrita de cada um procurar livros, conversas e divertimentos que pudessem contribuir para estar alegres; pelo contrário era proibido tudo o que provocasse melancolia [...] de toda a parte me chamavam para animar divertimentos, dar apoio a alunos em casas particulares e também para dar aulas ou explicações em casa (BOSCO, 1982, 2014, n.p).

Com o surgimento da Sociedade da Alegria, vários meninos começaram a gostar e frequentar mais a escola, mas isso incomodava muito os professores, a ponto de achar que o pequeno Bosco iria tomar seus lugares. Mas ele não desistiu e continuou com a Sociedade até sair da escola e iniciar sua vocação religiosa.

Passou um tempo e Bosco, já mais velho, decidiu estudar para ser padre, mas ainda pensava muito nos jovens que não frequentavam a escola e percebeu que o número deles na prisão aumentava cada dia mais. Então ele começou a frequentar institutos prisionais



de Turim, Itália, junto com Padre Cafasso, seu grande mentor e amigo, para observar os jovens que estavam presos e levar o maior conforto possível. “Muitos deles saíam com firme propósito de vida melhor, e, entretanto, em breve eram reconduzidos ao lugar de punição, donde há poucos dias haviam saído” (BOSCO, 1982, 2014, n.p).

Em uma de suas visitas à prisão, Bosco resolveu levá-los a um passeio, mas os guardas não confiaram nele, pois havia 300 jovens divididos nas celas. Mesmo assim, o italiano garantiu que pudessem confiar nele e levou os 300 jovens para darem o passeio. Almoçaram, se divertiram com brincadeiras e até aprenderam com os ensinamentos dele. Aos poucos, ele descobriu que os jovens estavam presos porque migraram do campo para a cidade, como estavam sozinhos, sem teto e comida, roubavam por necessidade e fome, e então aguardavam por julgamento nas prisões (BOSCO, 1982, 2014).

Bosco (1982, 2014, n.p) desenvolveu um conceito que chamou de amabilidade, que consiste em: “uma relação humana atenta à pessoa do rapaz, sinceramente cordial e afetuosa, [...] que impele o educador a aproximar-se dele para o compreender e cuidar das suas necessidades e dos seus problemas”. Ele claramente desenvolvia a amabilidade todos os dias com os jovens, utilizando muitas vezes os recursos que aprendeu quando criança, como a mágica, malabarismos e diversas dinâmicas que os auxiliassem. O educador também se prontificou a colocar eles em trabalhos como operários e construtores, deixando claro ao patrão que poderia confiar nos jovens. Mesmo com histórico de comportamento antissocial, Bosco não deixava de dar oportunidades para eles se ressocializarem na sociedade.

Vendo a alta demanda dos jovens, o educador decidiu construir um Oratório na cidade de Valdocco, na Itália, criando uma oficina de tipografia para que os meninos tivessem um emprego e pudessem ajudar em casa, assim como também tinham aulas. No Oratório, foi implementado o Sistema Preventivo, que consistia em:

Tornar conhecidas as prescrições e as regras de uma instituição, e depois vigiar de modo que os alunos estejam sempre sob os olhares atentos do diretor ou dos assistentes. Estes, como pais carinhosos, falem, sirvam de guia em todas as circunstâncias, deem conselhos e corrijam com bondade. Consiste, pois, em colocar os alunos na impossibilidade de cometerem faltas (BOSCO, 1982, 2012, n.p).

Bosco via os diretores e professores como uma família, que mesmo não exercendo papel de pai e mãe, deveriam oferecer um ambiente suficientemente bom na escola e criar vínculo com os alunos, de forma que cada aluno: “Conservará sempre grande respeito

para com o educador e lembrará com gosto a educação recebida e considerará ainda os seus mestres e demais superiores como pais e irmãos” (BOSCO, 1982, 2012, n.p).

No Oratório, além dos estudos, também eram oferecidas atividades extras para os meninos, como aulas de música, marcenaria e também monitoria, os alunos mais velhos poderiam ajudar os mais novos ou qualquer um poderia ajudar a quem estivesse com dificuldade. Bosco dedicou exclusivamente a sua vida para os jovens, sempre empenhado em trazer para eles a amabilidade, confiança e não menos importante, o conhecimento para estudarem e mudarem de vida.

### **4.3 A teoria de Maria Montessori**

Começaremos, agora, a relatar um pouco sobre Maria Montessori, uma italiana nascida em 1870 numa cidade pequena e numa época em que as mulheres eram completamente excluídas da sociedade. Ela foi a primeira mulher na Itália a se formar em medicina com especialização em pediatria e começou seu trabalho tendo um olhar mais voltado para as crianças com deficiência, pois eram vistas como impossíveis de serem ensinadas. A partir disso, Montessori se empenhou, em suas pesquisas, a implementar métodos para ensiná-las (MOONEY, 2013).

Ao passar dos anos, em 1907, Montessori abriu a Casa das Crianças (*Casa dei Bambini*) para que as crianças tivessem um lugar para estudar e se abrigar enquanto seus pais trabalhavam. Vendo a demanda das crianças, a pediatra foi observando que se os materiais e móveis fossem adequados ao tamanho das crianças, elas conseguiriam aprender melhor e com mais qualidade. Assim, ela reorganizou as salas de aula com materiais que ela mesma construía, deixando os ambientes completamente adaptados às alturas das crianças (MOONEY, 2013).

Além disso, Montessori orientava os professores de cada sala o que deveriam fazer para manter um bom ambiente de aprendizado para as crianças: “providenciar ferramentas reais que funcionem, como facas afiadas, boas tesouras; manter materiais e equipamentos acessíveis às crianças e organizados para que elas achem e peguem o que precisam; além de deixar a sala de aula bonita e em ordem” (MOONEY, 2013, p. 38, tradução nossa). Interessante observar que no momento em que a criança tem acesso fácil aos materiais, - os mais afiados só estarão disponíveis quando a criança é mais velha - e tudo está adaptado à sua altura, de fato isso influencia num aprendizado mais prazeroso

e faz com que ela goste de explorar e aprenda mais quando se envolve com diversos tipos de materiais e descobre como funcionam, permitindo que sua criatividade fique sempre ativa.

Um dos preceitos presentes na teoria de Montessori e talvez o mais importante e conhecido, é sobre a independência da criança. Para a pediatra, a criança não depende tanto dos adultos para fazer tal ou qual coisa, ele pode auxiliá-la, mas não fazer tudo por ela. “O trabalho do professor é preparar o ambiente, promover materiais apropriados e então dar um passo para trás e permitir que a criança tenha tempo e espaço para experimentar”<sup>7</sup> (MOONEY, 2013, p. 42, tradução nossa). E quando existe um ambiente que possui diversos objetos para que a criança possa experimentar atrelado com a sua independência, de acordo com Montessori, ela tem uma capacidade grande de concentração (MOONEY, op. cit., tradução nossa).

Para Montessori, os professores “observam mais e ensinam menos”<sup>8</sup> (MOONEY, 2013, p. 44, tradução nossa) e isso é por causa da importância que a independência tem para o desenvolvimento infantil. Por isso, o professor dá o suporte necessário para a criança, planeja as atividades normalmente, mas não intervém tanto, deixa ela livre para exploração. A observação deve fazer parte da prática docente, pois sem ela, não será possível saber com clareza o que a criança está necessitando.

Portanto, para Maria Montessori, os professores estão ali auxiliando a criança no seu desenvolvimento, com poucas intervenções de modo que não atrapalhe a independência infantil.

#### **4.4 Os ensinamentos de Ron Clark**

Daremos espaço, agora, para brevemente falar sobre o professor Ron Clark, nascido em 1972, na Carolina do Norte, nos Estados Unidos. Clark atua como professor desde a década dos anos 90 e começou a valorizar as relações afetivas com seus alunos quando foi dar aula numa escola no Harlem, bairro situado na cidade de Nova York, nos Estados Unidos.

A partir de suas experiências, o professor norte-americano escreveu um livro que aqui no Brasil, intitula-se como “A arte de educar crianças”. Este livro busca aconselhar

---

<sup>7</sup> “[...] teacher’s job to prepare the environment, provide appropriate materials, and then step back and allow the children the time and space to experiment”.

<sup>8</sup> “[...] teachers [...] teach little and observe much”.

professores a instaurar um ambiente de respeito na sala de aula. Dentre as propostas explicitadas no livro, serão destacados três nesta pesquisa, quais sejam: “Respeite os comentários dos outros alunos, opiniões e ideias”, “Surpreenda os outros através da realização de atos aleatórios de bondade” e “Aprenda com os seus erros e siga em frente”.

A primeira proposta de Clark demonstra a importância de se ter um clima de apoio dentro da sala de aula, apoio esse vindo tanto da parte do professor quanto do aluno. Uma vez instaurado, quando surgem problemas, todos os sujeitos serão capazes de resolverem e pedirem ajuda, pois cada um irá trazer uma solução, contribuindo para que tudo fique bem. Clark diz que os pensamentos e ideias de todos os seus alunos devem ser valorizados, mas que isso só é possível se for criado um “ambiente onde todos se apoiam mutuamente e mostram consideração pelas ideias e habilidades dos colegas” (CLARK, 2005, p. 46).

A segunda proposta destacada fala sobre como é bom se expressar afetivamente. Clark descreveu suas experiências ao realizar um projeto com seus alunos que ao seu ver, era um ato de bondade para com os mesmos, ao sair da rotina da sala de aula. Uma dessas experiências foi elaborar um anúncio de jornal que era uma das atividades das aulas de Língua Inglesa e, então, um dos alunos teve a ideia de colocar o anúncio num jornal de verdade. Quando descobriram que era muito caro para colocar o anúncio, levantaram fundos vendendo comida, lavando carros e conseguiram o dinheiro necessário e, então, o anúncio foi publicado. Mas o que eles não esperavam era que pessoas de vários locais dos Estados Unidos, incluindo famosos e o presidente da época Bill Clinton e sua esposa Hillary Clinton, mandaram diversos fax para a escola de Clark, fazendo com que ele e seus alunos ficassem muito felizes. O professor afirma que “devemos tentar proporcionar esse tipo de emoção fazendo qualquer coisa boa e inesperada, grande ou pequena, tantas vezes quanto possível” (CLARK, 2005, p. 62).

Já a terceira proposta tem a sua relevância ao mostrar como os erros não devem ser punidos tão severamente e sim, servir de aprendizado para o futuro. A maneira como o professor aborda essa questão é interessante, pois ao acolher o erro do aluno, ele não se inferioriza e assim permite que ele compreenda que erros existem e vão ser cometidos, assim como também virão muitos acertos. O próprio professor também deve assumir seus erros e dessa forma, como Clark bem afirmou: “quando coisas assim acontecem, não podemos nos castigar por isso. Temos que nos erguer, aprender com a experiência e seguir em frente” (CLARK, 2005, p. 26). É fato que os erros têm suas consequências, mas não

é necessário aumentar a pena do erro e sim, aprender com ele e buscar mudar a postura constantemente.

Ron Clark acredita que o ensino não precisa estar relacionado somente à sala de aula e que o vínculo com os alunos é fundamental para auxiliá-los no seu processo de ensino e aprendizagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante este estudo, vimos que a afetividade contribui positivamente no processo de ensino. Para tanto, iremos tecer comentários acerca de cada prática dos educadores, relacionando-as com os conceitos citados nos capítulos anteriores.

Pestalozzi, sempre estudioso, buscava se dedicar plenamente à educação mais humana, deixando completamente de lado toda rigidez que prejudicava os alunos. Quando se ensina buscando compreender a realidade do aluno, é agir afetuosamente e ter empatia, pois isso facilita seu aprendizado. Cada vez que o professor traz um recurso adaptado para o estudante, isso o instiga a querer aprender mais e de forma melhor, sem toda aquela rigorosidade de carteira, quadro e professor na frente da sala falando.

Além disso, para o pedagogo suíço, a natureza era uma excelente sala de aula e como o castelo de Yverdon era grande, possuía um enorme espaço verde. Seus estudantes podiam passear por lá, fazendo com que a exploração fosse uma matéria presente no currículo e contribuísse para que o desenvolvimento deles se desse de forma integral.

A pediatra italiana Montessori, a partir de sua prática, cria um material de ensino que privilegia o ato criativo e reforça a ideia que para criar precisa-se de liberdade de pensamento e confiança do adulto de que o que irá ser feito por elas, será o melhor possível. O ambiente determina, em parte, o ato de aprender e certamente o ato criativo, responsável pelas inovações que os séculos trazem até nós. Foram crianças que ousaram pensar e analisar o dia a dia que se tornaram adultos curiosos.

Um ponto importante a destacar é que Montessori frisava muito sobre não incomodar a criança quando ela está fazendo suas observações. Os adultos têm essa característica de apresentar constantemente brincadeiras e o que as crianças devem fazer o tempo todo, não deixando que ela seja ou aja por si própria. É óbvio que se deve ensinar o que é certo e o que é errado, mas ao limitar o tempo todo a criança, esta inibe sua liberdade para imaginar e explorar. A própria criança observa o que o adulto faz o tempo todo e ela mesma oferece ajuda porque quer ser útil e tudo para ela se torna um aprendizado (MOONEY, 2013).

Pestalozzi e Montessori possuem algo em comum muito característico: a necessidade da exploração por parte das crianças e da observação por parte do docente. Pestalozzi reforça constantemente sobre a importância da criança observar e se

desenvolver, tudo isso com a natureza. Montessori utiliza seus materiais também com o recurso da natureza, a madeira. Interessante observar que aproximadamente 200 anos separam os educadores, mas a preocupação de desenvolver a criança no seu modo sensorial, intelectual e afetivo é a mesma. O educador é um auxiliar no processo de aprendizagem da criança, ele a conduz em alguns aspectos, sempre de modo gentil e sem nunca interferir no seu livre arbítrio.

Bosco foi capaz de trazer os jovens de uma realidade tão complicada para uma vida suficientemente boa. Os jovens possuíam um comportamento antissocial, que para Winnicott (1986, 2012), este comportamento advém de um ambiente frágil e sem segurança. Bosco transmitiu a segurança necessária aos seus jovens, pois todos os dias dava a certeza para eles de que estava sempre ao lado, amparando em qualquer situação, pois construiu esse vínculo ao longo das visitas na prisão.

A afetividade, que Bosco descreve muito bem como amabilidade, perpassa em todo o seu ensino com os jovens, se preocupando verdadeiramente com eles em querer trazer uma boa educação, e de uma forma não só intelectual, mas também moral. Ele trazia essa educação moral para eles pois eram órfãos e sabemos que esse tipo de educação das crianças precisa vir dos seus pais. Mas nas nossas salas, podemos fazer diversos combinados com as crianças, como agir corretamente com o próximo e acolher quando não fazem algo do combinado, sempre com a amabilidade que Bosco ensinou.

Bosco tem muito a nos ensinar. Lidar com jovens com aquele tipo de comportamento não era algo fácil e ainda conseguiu mudar o psicológico deles com sua doçura, mostrando que é capaz de viver uma vida mais tranquila. Claramente conseguimos ver na prática o ciclo maligno e benigno que Winnicott (1986 *apud* MAIA, 2005) traz. Não sabemos se esses jovens tiveram uma boa infância, mas já sabemos que estavam há muito tempo no ciclo maligno, com coisas terríveis acontecendo em suas vidas e que não tinham outra escolha a não ser agir daquele modo. Mas então Bosco aparece para eles e restaura o ciclo benigno, pois se sentem seguros com o vínculo instaurado pelo seu querido educador.

É claro que isso não foi de um dia pro outro, levaram anos e anos para que esse vínculo pudesse ser estabelecido e isso é possível de acontecer na sala de aula hoje em dia. Durante mais ou menos quatro horas nós temos uma relação com os alunos, por que não aproveitar esse tempo para transformá-lo em algo prazeroso? As turmas poderão ser

compostas por alunos com comportamentos antissociais, agressivos, mas se trouxermos a amabilidade na prática, vamos saber lidar melhor com as situações. Sabemos também que não é fácil mudar o psicológico de uma criança e nem é o objetivo desta pesquisa, mas é fazer com que o educador não desista daquele aluno, por mais difícil que esteja.

O educador norte-americano Ron Clark traz excelentes exemplos que muito se equiparam com os outros. Interessante que em seu livro, Clark não demonstrou conhecer os estudos de Winnicott, mas sem dúvidas sabia, pela sua experiência de que um ambiente suficientemente bom, gerado pelo vínculo entre professor e aluno que ele chama de clima de apoio, só melhora o processo de ensino e aprendizagem. E esse clima de apoio emerge quando se tem o afeto entre os que frequentam a sala, que Clark apelidou de atos de bondade. É muito cativante essa questão de fazer atos de bondade, já vimos o quanto isso ajuda ao próximo a se sentir bem e se incentivamos as crianças a fazerem isso desde novas, repito a frase de Winnicott (1964, 1982, p.63): “é maravilhoso o que uma criança pode conseguir no fim”.

Outro ponto é sobre o acolhimento dos erros, muito recorrente também na prática de Bosco. Quando se acolhe de modo afetivo o erro do aluno, sem aumentar ou dar uma punição absurda, ele consegue compreender que errou e acabou, A questão da empatia faz-se necessário nesse sentido. Se nos colocarmos no lugar da criança e ficar ouvindo por horas o que fizemos de errado, sendo apontados nossos defeitos, isso ajuda ou prejudica? Certamente prejudica, pois assim fica difícil enxergar o que pode ser feito. Ao invés de aumentar o erro, devemos mostrar junto a criança o que ela deveria ter feito e dizer que somos seres humanos, não somos perfeitos e iremos errar o tempo todo.

O que podemos trazer para hoje, no século XXI com esses educadores, é que a observação do professor deve ser sempre presente. O olhar dele é fundamental para compreender as crianças, quais são as suas necessidades naquele momento e cabe então, fazer os ajustes necessários no planejamento. Sabemos que há inúmeras exigências para cada segmento escolar cumprir, mas para a criança, vai fazer muito mais sentido se forem feitas adaptações de alguns conteúdos para deixar a aprendizagem mais atrativa e inserir os gostos deles nas aulas.

Essa observação do docente precisa conter a afetividade, tão explorada neste trabalho. Foi visto nitidamente nas práticas relatadas aqui, que o afeto estava presente em todos os momentos do educador com o aluno e também pode-se inferir que contribuiu



positivamente num bom aprendizado do aluno. Esses educadores servem de exemplos para os docentes de hoje se inspirarem e saberem da melhor forma possível, juntamente com seus alunos, trazer o afeto para o ensino e fazer com que a sala de aula se torne num ambiente suficientemente bom de ensino, aprendizagem e convivência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. R. S. A afetividade no desenvolvimento da criança. Contribuições de Henri Wallon. **Revista Inter Ação**, 2008, v. 33, n. 2, 343–357. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/5271/4688> Acesso em: 09 mai 2020

ALVES, W. O. **Pestalozzi, um romance pedagógico**. 1ª. ed. São Paulo: IDE, 2014.

BOSCO, G. **A pedagogia de Dom Bosco**. São Paulo: Salesiana, 2004.

BOSCO, G. **Memórias do Oratório de São Francisco de Sales**. [S.l.]: Salesiana, 2012.

BOUCHE, J.L. **O corpo na escola no século XXI**. São Paulo: Porthes, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** /Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010a.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

BRASIL. Constituição (1988). **Emenda constitucional nº 59**, de 11 de novembro de 2009.

CLARK, R. **A arte de educar crianças**. Tradução de Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

CUNHA, E. **Afeto e aprendizagem: Relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017.

DAVIS, M. WALLBRIDGE, D. **Limite e espaço: Uma introdução à obra de D.W. Winnicott**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

DEL PRIORE, M (org). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LA TAILLE, Y. D.; OLIVEIRA, M. K. D.; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon**. 14ª. ed. São Paulo: Summus, 1992.

LACERDA, M. **Limites, conexão e respeito**. Curso online. Maio de 2020.

MAIA, M. V. C. M. **Rios sem discurso: A agressividade da infância na contemporaneidade**. 1ª. ed. São Paulo: Vetor, 2007.

- MOONEY, C.G. **Theories of Childhood**. 2ª ed. Minnesota: Redleaf Press, 2013.
- NELSEN, J. **Disciplina positiva**. Tradução: Bete P. Rodrigues. 3ª ed. São Paulo: Manole, 2016.
- NELSEN, J.; LOTT, L.; GLENN, H. S. **Disciplina Positiva em sala de aula**. Tradução de Bete P. Rodrigues e Fernanda Lee. 4ª. ed. Barueri: Manole, 2017.
- NOVASKI, A. J. C. Sala de aula: uma aprendizagem do humano. *In*: MORAIS, Regis de *et al.* **Sala de aula: Que espaço é esse?**. 6ª ed. São Paulo: Papyrus, 1993. cap. 1, p. 11-16.
- PIAGET, J. **Relações entre a afetividade e a inteligência no desenvolvimento mental da criança**. Tradução de Cláudio J. P. Saltini e Doralice B. Cavenaghi. 1ª ed. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2014.
- ROSEMBERG, M. **Comunicação não violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. 4ª ed. São Paulo: Ágora, 2006.
- SANTANA, R. G; LOPES, R. F. F. Aspectos conceituais do perdão no campo da psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2012, vol. 32 n. 3, p. 618- 631. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/yXJPQJnLmgcWBzDXt8hXFtb/?lang=pt>. Acesso em: 16 nov 2020
- SANTOS, E. **Educação não violenta**. 4ª. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2019.
- TERZI, C. A.; MARTINS, J. C.; PIMENTEL, L. S. L. **Sala de aula**. 1ª ed. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2018.
- WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1968.
- WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- WINNICOTT, D. W. **Privação e delinquência**. 5ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ZANATTA, B.A. O método intuitivo e a percepção sensorial como legado de Pestalozzi para a geografia escolar. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 165-184, maio/ago.

2005. Disponível em:  
[https://www.scielo.br/j/ccedes/a/NCMKcw5T7Ff3xc3vRRyK7Nm/?format=pdf&lang=](https://www.scielo.br/j/ccedes/a/NCMKcw5T7Ff3xc3vRRyK7Nm/?format=pdf&lang=pt)  
pt Acesso em: 10 ago 2020